

6ª PARTE

TRANSCRIÇÕES

O Recuo Necessário³³

Raphaelle Batista³⁴

A poetisa ocupante da cadeira de número sete da Academia Cearense de Letras, embora tímida, guarda uma obra das mais consistentes da literatura cearense. O Vida & Arte convida à (re)descoberta de Marly Vasconcelos

Alguém apressado poderia dar nome de reclusão à postura da cearense Marly Sales Vasconcelos. Mesmo poetisa, embora flerte com o conto e o romance, com seis livros publicados; bacharel em Direito, ex-professora de Literatura do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, colaboradora de revistas e movimentos literários como *Pássaro*, *Siriará*, *O Saco*; além de imortal da Academia Cearense de Letras; ela dispensa o “auê” literário, não se ressentindo de ser pouco conhecida entre novos leitores e fica “apavorada” ante a visita de **O POVO**. Timidez talvez pudesse definir, mas o termo não alcança o sentido. Recuo é a melhor palavra.

Para escrever é preciso transportar-se para dentro de si, interiorizar cada vez mais, ensina a autora. “A literatura exige esse recuo senão você não produz coisas que valham a pena”, acredita. Talvez daí venha a resistência ao hábito de tantos escritores nesses tempos de redes sociais: a exposição. “Eu não faço questão desse ‘auê’, não me faz bem. Porque já vai exigir ir pra Cultura todo domingo, (tomar) cafezinho, chazinho, não sei o quê. Eu não quero”, explica Marly.

É que o silêncio, enfatiza ela, é parte essencial do trabalho. “Isso não quer dizer que eu não vou a shopping. Adoro, eu vou”, conta, rejeitando a ideia do confinamento. Ela gosta de ir às compras e às contas, toda segunda e terça-feira, de preferência pela manhã e acompanhada apenas de si, assim como gosta de acompanhar o time do coração, o Flamengo – que não é mais aquele de Zico e Romário,

33 **O POVO**, Fortaleza, 19 nov. 2012. Vida & arte, p. 5.

34 Jornalista

mas ela não troca – e até a genialidade dos gols de Messi. “Tenho uma vida normal, só não no momento em que eu quero ficar recuada para escrever”.

Esse recuo é parte do estreitar de laços com o ofício, de vivenciá-lo tanto até unir-se a ele de forma quase visceral. Assim diz Marly, no poema “Verbum”, quando se define a própria palavra e interpela o leitor: “Poderás avaliar o que é ser palavra?”. Para ela, é lidar com a eterna insatisfação que alimenta o ato de escrever. “Botar a palavra exata no papel, aquela que você pensou e não consegue, esse é o preço. Você nunca chega lá. O que é muito bom. Eu gosto de claudicar”, reflete.

Assim foi entre o primeiro livro de poesias, *Água Insone*, de 1973, e o segundo, *Cãtygua proença*, lançado doze anos depois, em 1985. Ela não deixara de escrever nesse período, mas os elogios (que chama “coisas graves”) dos críticos da época sobre o trabalho de estreia lhe meteram o maior de todos os temores, o de “profanar a palavra”. “Eu respeito muito a palavra, por isso não publico tanto”, justifica-se. Por isso, também, ainda hoje não hesita podar a escrita diante do menor sinal de reprovação dos leitores de confiança e não receia rasgar o que considera ruim.

Apesar da severidade, porém, a escritora não reprime o ato de criar e deságua em literatura na forma em que ela vier, ainda contando com a velha e pequena máquina de escrever alaranjada. Depois da poesia, a palavra apareceu em forma de prosa, com o romance *Coração de Areia* (1989), menção honrosa no Prêmio Graciliano Ramos da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Voltou ao modo poético em *Sala de retratos* (1998), *Azul-Cobalto* (2002) e *Solitário Bandolim* (2010), seu livro mais recente.

Despreocupada com a espessura do livro, no correr das 31 páginas do último trabalho, a autora tímida, porém falante, que exhibe no corpo magro uma fragilidade só desfeita com a força das palavras, reforça a própria ideia de Literatura em poemas curtos sobre solidão e vivência interior – o recuo necessário.

“Se eu não interiorizar, como é que vou escrever? O problema é esse, nós temos que procurar e batalhar e sofrer. Literatura, já lhe disse, é dor. Você tem de sofrer na vida, tem de ter sangue, e também a docilidade. Depois da neblina, o arco-íris”, diz.

Trechos

Poemas de Marly Vasconcelos

Uma época escrevi histórias
com tanta ansiedade
que não podia comer uma
maçã.

Não havia tempo para o
detalhe.

Palavra, eu fui palavra.

Poderás avaliar o que é ser
palavra?

Fecha os olhos e compõe com
tuas lembranças

um território exaurido

e descarnado,

pasto de animais

melancólicos,

lagoas, cacimbas secas.

Na terra, debaixo da oitica,

um monte de ossos.

Preço que paguei sendo

palavras.

(“Verbum”)

Minha tristeza de hoje é

muito bela.

Maçã que repousa grandiosa,

fruta silente de sabedoria.

Apreendi contigo a estar só
no meio de muitos
e comecei a vislumbrar a
importância das coisas,
a verdade da sequência
dos dias.

Pouco colhi entre os homens,
mas tuas lições foram todas
magníficas
e quando percebo que sangro
retomo o que me ensinaste,
não choro a falta da alegria.
Hoje minha tristeza é muito
bela,
solidão,
e novamente eu te bendigo.

("Minha tristeza de hoje é muito bela", de *Solitário Bandolim*)

À Espera do Estético

Tércia Montenegro³⁵

Como participante do Semioce, grupo de estudos semióticos da Universidade Federal do Ceará, tenho vivido vários instantes de junção entre teoria e arte. Para mim a semiótica é a ferramenta mais satisfatória para quem deseja se aprofundar nas questões relativas à construção do fazer literário, musical, pictórico etc. Mas é claro que, enquanto disciplina que sistematiza os seus procedimentos, ela exige uma iniciação técnica – e um jornal não é espaço para a discussão de tema tão complexo. Hoje eu gostaria apenas de sugerir um ponto reflexivo, a partir do livro *Da imperfeição*, de Greimas. Nessa obra, o autor ensaia os modos de apreensão do sentido pelo corpo sensível e coloca o estético como possibilidade de fratura de uma rotina.

Simplificando, poderíamos dizer que quando algo provoca essa quebra do óbvio, da mesmice em que estamos imersos, promove o arrebatamento do indivíduo. O sujeito se esquece de si, do próprio corpo com identidade e território delimitados no mundo. É arrastado bruscamente pela experiência estética – que ocorre no contato inesperado com a arte, ou mesmo com um elemento do cotidiano capaz de alcançar essa dimensão de “estranhamento”, essa suspensão do previsível. No instante encantatório, sujeito e objeto tornam-se um, fundem-se numa espécie de laço primordial.

Há um momento no livro em que Greimas cita Baudelaire, e talvez o comentário do poeta seja decisivo à compreensão que desejamos: “o inesperado, a surpresa, o assombro, são uma parte essencial e característica da beleza” – diz o autor de *Les fleurs du mal*. Aqui, o conceito de beleza, ou de estético, não está agregado a nada em particular; pode existir num poema, num som ou num rosto. Importa somente que haja esse impacto, o susto de não prever nada – e, de repente, fundir-se a esse objeto de estesia, num átimo de deslumbra-

35 Escritora, fotógrafa e professora da UFC.

mento. No instante seguinte, a pessoa já volta a ser quem era antes, recupera as sensações habituais e torna a pôr os pés no chão, por assim dizer. Pode ser que ainda admire a obra e até tente explicar com palavras o efeito que ela proporcionou. Mas o arrebatamento já se perdeu; o instante de união sagrado passou, porque passou a surpresa, e ela não pode ser forjada uma segunda vez.

A experiência, que acontece como primeira e última, ou “primúltima”, como Greimas coloca, está destinada a libertar e reatar as continuidades do cotidiano. O indivíduo põe-se à espera de novos “acidentes estéticos” e, se por um lado incomoda saber que essas ocasiões são tão fortuitas, sob outra perspectiva é um consolo ter a beleza como chance súbita de êxtase, dentro de uma vida mesquinha. O fato de cada alumbramento ser tão fugaz acaba sendo um retrato de nosso próprio destino humano, igualmente perecível, mas – por que negar? – surpreendente, em tantas coisas mínimas.